

MINEIRINHO E A COMPAIXÃO DA REVOLTA: UMA LEITURA DA LEVEZA EM ITALO CALVINO E CLARICE LISPECTOR

Luis Antônio Baptista¹

Mariana Tavares Ferreira²

Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

Clarice Lispector

Recebido em: Novembro, 2013

Aceito em: Dezembro, 2013

Para citar este ensaio:

BAPTISTA, Luis. FERREIRA, Mariana. “Mineirinho e a compaixão da revolta: Uma leitura da leveza em Italo Calvino e Clarice Lispector”. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 5, no1, p. 64-74. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.11827>

¹ Professor Titular do Departamento de Psicologia da UFF.

² Doutoranda do Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP.

Proposições singelas como: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência seriam alguns dos valores cultivados pela literatura, segundo Calvino (1990); para ele seriam valores dignos de serem preservados e propagados neste nosso século XXI, inaugurador de um novo milênio. Preservar, posto que talvez possam vir a se extinguir como produções humanas, contingências históricas; preservar não como valores universais, como memória de algo que já passou, e sim como *programa*. Podemos traçar aqui um paralelo com a noção foucaultiana de “programa vazio”: não haveria um programa pré-definido. Ele é vazio, não à semelhança de uma folha em branco de um certo empirismo, e sim no sentido de que somos livres para inventá-lo. “É preciso fazer aparecer o inteligível sobre o fundo da vacuidade e negar uma necessidade; e pensar que o que existe está longe de preencher todos os espaços possíveis.” (FOUCAULT, 1981, p.5.) Necessidade que entenderia o vazio não como falta, mas que fomentaria o exercício da liberdade, que diferencia-se do livre-arbítrio, onde tudo passaria por questões de escolhas pessoais no gerenciamento da vida. Tal exercício de liberdade, portanto, não seria o aprimoramento de um querer concebido enquanto faculdade psicológica, mas a própria ética. Seria a respeito de um querer viver de determinadas maneiras e não de outras, *com* outrem; onde a radicalidade da alteridade contestaria o sufocante universo das essências, assim como das universalidades apartadas da conflitualidade da história.

Esses *outros*, o encontramos não apenas em carne e osso, mas também na produção literária. Assim, Italo Calvino compõe seu programa, num diálogo com a tradição da literatura ocidental. Ao destacar alguns valores, deixa claro que se trata de uma escolha, de uma aposta estética e política, ao contrário da defesa de uma verdade inquestionável: “Esta primeira conferência será dedicada à oposição leveza-peso, e argumentarei a favor da leveza. Não quero dizer que considero menos válidos os argumentos do peso, mas apenas que penso ter mais coisas a dizer sobre a leveza”. (CALVINO, 1990, p.15.)

Apostamos neste ensaio, inspirado no autor italiano, no tema da *leveza*, misturando a ela uma dose do valor da compaixão, tema que, a nosso ver, conversa em muito com a oposição *leveza-peso*. Teria a literatura algo a nos propor em termos dessa paixão em sentir (*pathos*) com o outro? E em que sentido poderia a compaixão ser associada à leveza? Não nos pareceria antes, a compaixão, próxima ao peso e à inexatidão da mistura de sentimentos que

nasce da identificação com o “próximo”? Ao peso paralisante da culpa? Num certo sentido, estas são perguntas retóricas, inventadas posteriormente à resposta, à aposta estética e ética de que é na experiência de leveza que se pode criar uma aproximação e um sentido de compaixão laica. Porém, em outro sentido, são questões que persistem em busca de respostas, nas reflexões sobre os gestos cotidianos em que procuramos nos transformar, inventar e experimentar novos modos de ser.

Ao falarmos em aposta estética e ética, seguimos a inspiração nietzscheana em Foucault, como revela a professora Rosa Dias, de uma estética da existência: “Como fenômeno estético, a existência, para nós, é ainda suportável”, declara Nietzsche numa carta a um amigo, à época da publicação da *Gaia Ciência*, obra em que ele “escreve que gostaria de livrar a existência humana de seu caráter cruel, sem a consolação metafísica, resquício de uma crença teológica”. (DIAS, 2009 p.106.) No final do século XIX, diz este filósofo-filólogo-poeta, amigo da sabedoria e também amigo das palavras, que apenas vendo a vida sob o prisma da arte é que temos salvação. Mas, podemos tomar ainda como nossa, tal divisa nietzscheana, nós que atravessamos o século das grandes guerras e genocídios e que adentramos o novo milênio com perspectivas não menos sombrias? Não seria imoral, nestes tempos de exceção, estetizar a existência? Como figurar beleza e leveza em meio a tais acontecimentos?

Um lembrete de Calvino, inspirado em Paul Valéry, pode servir a nossa reflexão neste momento: a leveza que se preza não é a da pluma que flutua - símbolo de um espírito que se evade em sonhos longínquos e etéreos: “As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...” (CALVINO, 1990, p.19.) A imagem de leveza preferida pelo escritor é a do vôo do pássaro. Leveza incorporada com forças vitais, animais, anti-gravitacionais, leveza da habilidade e da precisão, a que incita outros pontos de vista que possibilitem transformações no que é visto, naquele que vê, assim como na lógica que fundamenta esta visão. Leveza presente na dissolução da compacidade do Sujeito, do corpo, das coisas, e das subjetividades imobilizadas pelo peso das naturalizações; dissolução que abre caminhos para outros sentidos, para desdobramentos de narrativas, para a inconclusividade de histórias e da história.

A aporia da leveza *versus* compaixão, encontramos corporificada na crônica de Clarice Lispector sobre Mineirinho. Crônica que fala de pensamentos e sentimentos em torno da

morte de um “facínora”, fuzilado pela polícia “livre e aprovadamente”, na década de 60.³De sua revolta: “a violenta compaixão da revolta” (LISPECTOR, 2010, pp.33 e 29).

Seguindo lições de Jeanne-Marie Gagnebin, atemo-nos não a uma interpretação sobre os simbolismos que possam estar presentes na referida crônica, mas voltamo-nos aos gestos que podemos perceber na narrativa (GAGNEBIN, 2009). A leveza na escrita de Clarice pode ser relacionada à “narração de um raciocínio ou de um processo psicológico no qual interferem elementos sutis e imperceptíveis” (CALVINO, 1990, p.29). Estes elementos sutis e minuciosos não conduzem, no entanto a uma psicologização e sim a uma experiência de *choque*, de saída de si e deslocamento de certa perspectiva. Logo no início do texto, nota-se que, a narrativa da perplexidade diante dos sentimentos, não é construída como momento puramente introspectivo, mas em conversa com a cozinheira. E a frase-síntese deste processo é impessoal: “Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo”. (LISPECTOR, 2010, p.29). Tal frase não pode ser relacionada apenas ao sentimento íntimo da escritora ou ao da cozinheira, mas a uma experiência comum a elas e também a outrem, dentre eles, nós, leitores da crônica.

Em “Mineirinho” o *choque* está principalmente no gesto de atenção e de escuta ao ato de matar, ao fuzilamento do “facínora”. Clarice não apenas conta treze tiros, quando apenas um seria necessário para matá-lo, como cada tiro dispara um sentido diverso, reverberando em seu corpo:

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro. (LISPECTOR, 2010, p.30).

³Acesso à versão eletrônica na página do Instituto de Psicologia da USP: <http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4396:conto-qmineirinho-clarice-lispector&catid=409:arquivo-ip&Itemid=220&lang=pt>. (LISPECTOR, 2014) De especial interesse para contextualizar o escrito *clariceano* em questão é o texto “Quem foi Mineirinho: Bastidores de uma Crônica”, de Elizama Almeida (2014), que rememora alguns aspectos da vida e morte do famoso bandido, trazendo a oração a Santo Antônio que o mesmo portava em seu bolso no momento em que foi assassinado. “Estou disposto a fazer tudo por ti; mas, filho, diz-me uma a uma todas as tuas necessidades, pois desejo ser o intermediário entre tua alma e Deus, com o fim de suavizar teus males”. E nos brinda com a informação de que o título como saiu publicado à época na revista Senhor, na qual Clarice escrevia era “Um grama de radium – Mineirinho”, diferentemente da edição em livro por nós consultada, na qual consta apenas “Mineirinho”. Conta ainda que o texto foi encomendado e entregue um mês após o acontecido.

Portanto, podemos perceber como está presente neste trabalho de Clarice, uma proximidade da noção de estética enquanto *aisthesis*, sentir. Ela constrói sua narrativa a partir da escuta dos sons que atravessam suas paredes, sons que produzem o choque, e não de uma ideia, sentimento ou forma sublimes. A estética, neste sentido, também se aproxima de uma ética, que não se confunde com a lei e o dever moral: “Esta é a lei. Mas há alguma coisa que”... (*ibid.*, p.30) Esta “alguma coisa” entendemos ser aquilo que Clarice nomeia como “compaixão da revolta”, a dor que sente com o fuzilamento de Mineirinho e que a faz repensar seu modo de viver com os outros. Compaixão capaz de chacoalhar o peso das palavras de ordem que dizem que é assim, que deve ser mesmo assim e que devemos seguir em nossa “sonsice” moralizante, “nós, os sonsos essenciais” (*ibidem*), dormindo tranquilos após rezar pela alma de Mineirinho. “Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados”. (*ibidem*) A narradora revela que ser sonso é uma moral, um dever que se exige de si: é uma escolha e não uma indiferença mais ou menos inconsciente.

Há todo um trabalho da moral dominante em erguer as paredes deste “eu”, que sabe, porque sente, mas se faz de sonso. “Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo”. É esse modo de exigir-nos a sonsice cotidiana que é profundamente abalado no *choque* e que Clarice quer matar disparando frases no papel. E que morre com o derradeiro tiro: “O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque **eu quero** ser o outro” (*ibidem*)⁴. Este “ser o outro” não é, pois, identificação passiva com a vítima, mas movimento de saída de si, de desvio, há um querer nele implicado. Aí voltamos novamente ao aspecto da leveza-deslocamento. Trata-se de uma metamorfose, transformação: ela não é Mineirinho, mas torna-se, através do movimento de escuta sensível e reflexiva.

Torna-se também os algozes de Mineirinho, mas sem apelar para uma pulsão de morte que seria inerente ao humano: “Essa alguma coisa é o assassino em mim? Não, é o desespero em nós”. (*ibid.*, p.32.). O *nós*, aqui, como referência a um modo de vida dominante e fascista.

⁴Sobre esta qualidade de atenção ao presente, há um trecho em que Foucault discorre sobre a “atitude da modernidade”, inspirado em Baudelaire, e que nos ocorre aqui: “*La modernité baudelairienne est un exercice où l’extrême attention au réel est confrontée à la pratique d’une liberté qui tout à la fois respecte et le viole*” / “A modernidade baudelairiana é um exercício onde a extrema atenção ao real é confrontada à prática de uma liberdade que ao mesmo tempo respeita esse real e o viola”. (2004b, p.1389, tradução nossa) Há peso nesta atitude que nos prende ao real? Paradoxalmente, há também leveza, pois apenas tal qualidade permitiria um exercício de liberdade pela “transfiguração” do real, do “*imaginer autrement*”.

A compaixão da revolta não seria, portanto, a da identificação com alguém, mas justamente a leveza em poder se deslocar nos sentidos, entre o eu, o mim, o nós, o ele (s), o ela (s)... Sem fixar-se. Clarice sonha com uma “justiça um pouco mais doida” (*ibid.*, p.33) que se baseasse neste sentir e não na identidade do criminoso ou em um direito humano abstrato e universal; sonha com a construção de outra ética, baseada numa compaixão que não seja “identificar-se com o outro”. Compaixão produzida pelo desnordeante encontro com a alteridade; encontro que contesta o peso de um arrogante “eu”, ou dos modos de existir onde o outro seria réplica de uma ideia, ou estorvo.

Ao que parece, a escrita desta crônica, em torno da execução sumária do bandido Mineirinho pela polícia carioca com 13 tiros, foi verdadeiramente uma experiência para a autora. Quando perguntada sobre quais de seus trabalhos mais valorizava, em entrevista a Júlio Lerner na TV Cultura, concedida em 1977, cita o trabalho sobre *Mineirinho*, junto a *O Ovo e a Galinha*, como suas obras preferidas. O entrevistador então pergunta sobre o tratamento dado à questão da morte do bandido pela autora. Apesar dos vários anos passados desde sua escrita, Clarice então vai deslindando sua estratégia narrativa, construída a partir da revolta com os 13 tiros, quando apenas um seria necessário; para ressaltar a frase final: “No décimo terceiro eu morro, pois eu sou Mineirinho”. Ao ser perguntada se achava que com seu trabalho sobre Mineirinho alterava algo na ordem das coisas, Clarice responde, em sua maneira categórica e algo brusca, que “não alterava em nada” e que não escrevia com esperança de alterar qualquer coisa: “Não, não altera em nada”, diz e acende um cigarro. “Então por que continuar escrevendo coisas?” - pergunta o apresentador. “E eu sei?” - responde. Após um breve silêncio, ela diz que quando escreve não quer alterar, o que quer é - faz um gesto com as mãos saindo do peito e soprando - “desabrochar alguma coisa”.

Ao invés de ler este *desabrochar* conforme a tradição de um certo romantismo, que vê a cultura artística como formação capaz de adubar e cultivar as sementes que resultam em sentimentos sublimes na alma humana, desenvolvendo potencialidades latentes, outro sentido pode ser depreendido. Seria antes um excesso de vida que irrompe, um transbordamento, que encontramos, por exemplo, na metáfora da noite na floresta, presente no conto “Amor”, do livro *Laços de família*. São carnudas e volumosas “dális e tulipas”, as flores do jardim onde Ana passeia: “de se comer com os dentes” (LISPECTOR, s/d, p.25). A obra de Clarice recusa ser uma literatura edificante que procura despertar a compaixão universal, que se expressaria até pelo “facínora”, posto que pertencente ao gênero humano. Este *desabrochar* não é o do

sublime, é o da flor que nasce no cimento, no asfalto: da aspereza, do obscuro, do terreno: “Não, não é que eu queira o sublime, nem as coisas que foram se tornando as palavras que me fazem dormir tranquila, mistura de perdão, de caridade vaga, nós que nos refugiamos no abstrato. O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno” (LISPECTOR, 2010, p.33).

O que seria este “terreno”? Oposto ao celestial e sublime, certamente. E também o terreno onde se ergue a casa habitada por paradoxos do cotidiano, lugar onde os homens vivem no desassossego dos choques e fricções⁵. Esta interpretação para *terreno* está presente quando ela reflete sobre a sonsice que busca resguardar a casa de qualquer “estremecimento”. Diz a narradora: “Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o **terreno**, o chão onde nova casa poderia ser erguida” (*ibid.*, p.30, negrito nosso). Não seria esta nova casa um modo novo de viver com os outros, diferente da “sonsice essencial”? E o terreno então não seria o peso, mas o lugar de onde se poderiam lançar os alicerces de novas construções. Lembramos aqui do sentido de morada como o *ethos*, também oriunda da literatura, segundo Olgária Matos:

Encontrada pela primeira vez em Homero, a palavra *ethos* significava “morada”. Não sendo arquitetura ou técnica de construção, *ethos é habitat*, “toca”, mas também o fato e a maneira de habitá-la. (...) Na senda grega, Heidegger, em *Construir, habitar, pensar*, mostra como a linguagem guardou parte do sentido de pertencer e enraizar-se: o verbo *bauen – construir* – significou, em sua forma no antigo alemão (*beo*), habitar, sendo da mesma família de *bin (sou)* (2006, p.147).

Corpo-casa: “o que **sustenta as paredes de minha casa** é a certeza de que sempre me justificarei (...) o que **me sustenta** é saber que sempre fabricarei um deus à imagem do que eu precisar para dormir tranquila” (*ibid.*, p.32, negrito nosso). “Eu não quero esta casa” (*ibid.*, p.31.), afirma Clarice, casa mantida pela sonsice, dos que procuram não entender. “Porque quem entende desorganiza. Há alguma coisa em nós que desorganizaria tudo – uma coisa que entende” (*ibidem*). Novamente, é aqui outro sentido proposto ao entendimento, palavra também próxima de compreensão, compaixão: não é um entendimento que busque um sentido fechado e apaziguador, uma explicação que nos leve a lamentar as catástrofes e seguir com nossa vida administrada. “Entendi, é assim mesmo, isso faz parte da natureza humana... ninguém está mesmo livre do mal”. Não: entender é entender que estamos num estado de

⁵ “Não sei, talvez só em choque com os outros se tenha amor por si mesma”. Frase num dos cadernos da escritora, cujo acervo se encontra no Instituto Moreira Sales, disponível em <<http://claricelispectorims.com.br/lms/cadernos>>

exceção e nos fortalecermos, ficarmos mais atentos na luta contra modos de vida fascistas, recusar o apaziguamento onde o outro não transtorne.

O choque como forma de conhecimento, entendimento e compreensão, é a percepção de que esta casa, que tão obstinadamente procuramos defender, reforçar, trancar portas e janelas, encontra-se em chamas. O assassinato de Mineirinho é o disparador deste entendimento: “Feito doidos, nós o conhecemos, a esse homem onde a grama de *radium* se incendiara” (*ibid.*, p.32). O conhecimento da morte de Mineirinho libera uma forte energia, qual a liberada na desintegração do *radium*, energia esta que queima insidiosamente, ainda que as paredes da casa se mantenham intactas, pois seus efeitos não são imediatos. Gera transformações irreversíveis e profundas. Aqui novamente há um diálogo possível com Calvino e o valor da leveza, como imagem da perda de compacidade do mundo, através de um mergulho na matéria e seus minúsculos corpúsculos, móveis e leves. Em Clarice e sua *grama de radium*, mesmo estes minúsculos corpúsculos perdem sua compacidade: pós-bomba de Hiroshima, se transformam em energia, fluxos, irradiações. Forte energia contida num grama de *radium*, força de pensamento e transformação contida num afeto de revolta que desintegra, desorganiza, detonada pela morte de um infame, a que Clarice constela em palavras. Esta energia que Mineirinho vivia em sua raiva e a revolta, guardada em segredo pelos sonsos, é detonada no décimo terceiro tiro: “Como não amá-lo, se ele viveu até o décimo-terceiro tiro o que eu dormia?” (*ibid.*, p.31). Se há alguma identificação com Mineirinho, deve ser com esta revolta e raiva, força de vida, e não com a vitimização⁶. Com a “coragem de destruição”:

É como doido que entro pela vida que tantas vezes não tem porta, e como doido compreendo o que é perigoso compreender, e só como doido é que sinto o amor profundo, aquele que confirma quando vejo que o *radium* se irradiará de qualquer modo, se não for pela confiança, pela esperança e pelo amor, então miseravelmente pela doente coragem de destruição. Se eu não fosse doido, seria oitocentos policiais

⁶Segundo os jornais da época, Mineirinho teria fugido do manicômio judiciário, no qual teria de cumprir 107 anos de cadeia, mesmo sabendo correr risco de ser morto, o que acabou por acontecer: “Por duas vezes escapara das grades e se ocultara nos morros quase inacessíveis aos seus perseguidores. (...) Quase 300 homens andavam no seu encalço desde o dia **23 de abril**, quando escapara calmamente do Manicômio Judiciário jurando que nunca mais voltaria ao cárcere”. (Diário de Notícias, 1 de maio de 1962, negrito nosso). É de se destacar o fato de que ele foge do manicômio sob a égide do celebrado santo do catolicismo popular, o qual se imiscuiu, como é sabido, ao culto de um importante orixá do panteão afro-brasileiro: Ogum/São Jorge, cujos festejos acontecem no dia 23 de abril. Santo das batalhas e demandas. Uma das matérias faz ainda referência a um anel de São Jorge usado por Mineirinho no momento da morte, além da já referida oração de Santo Antônio que ele trazia no bolso. Este último santo, além da fama de ajudar as moças a arrumarem namorado, também foi sincretizado nos cultos afro-brasileiros com o orixá Exu, celebrado em 13 de junho, outra entidade relacionada às *demandas*, cujos domínios são os espaços limiares das ruas, caminhos e encruzilhadas. As matérias da época encontram-se em: < <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj45.htm>>.

com oitocentas metralhadoras, e esta seria a minha honorabilidade (*ibid.*, p.33.).

Então, esta passagem é particularmente interessante para finalizarmos, discutindo a questão da possibilidade de uma ética e de uma política como uma estética, pós-Auschwitz, questão que levantamos no início deste texto. Contra a estetização presente no caráter “sublime” de certas palavras de ordem caras à moral dominante (tão presentes na propaganda fascista⁷), sentimos no trecho acima citado, uma provocação, uma aposta numa estética do choque como tendo também uma faceta ético-política. Assim, palavras do universo dos valores morais como “coragem” e “honorabilidade” aparecem aliadas à destrutividade. E se a vivência do choque e a “doidice” podem ser uma alternativa, na modernidade, à perda do sentido de participação na “vida que tantas vezes não tem porta”, Clarice parece apontar aqui também à destrutividade. Alternativa de busca de contato, de ruptura das couraças, para utilizar um termo de Wilhelm Reich, importante pensador, pioneiro, da psicologia de massas do fascismo⁸. “Se eu não fosse doido, seria oitocentos policiais com oitocentas metralhadoras, e esta seria minha honorabilidade”. O *radium* se irradiará: se não pelo amor, pela destruição.

Assim como os sonsos não são inconscientes em sua indiferença, mas a constroem cotidianamente a base de justificativas para suas escolhas, também os destrutivos, que se engajam a força da massa (oitocentos policiais), não seguem forças cegas e atávicas às quais faltaria o freio da moral. No juízo “doido” de Clarice, esta parece, inclusive, escolha mais honorável do que a daqueles que buscam levar uma vida boa e tranquila em seus enclaves fortificados, num mundo onde crimes de fuzilamento se praticam “livre e aprovadamente”. As paredes de Clarice recusam assima proteção, ou o isolamento do conforto; são construções provisórias, precárias, sensíveis ao terreno onde nada perdura na perenidade. No terreno, a presença da alteridade apodrece o peso dos imaculados valores universais. Lugar de generosos contágios.

⁷ Sobre a questão da estetização da política e da reflexão sobre a estética como tendo repercussão no campo ético-político, remetemos aos textos “Combates Urbanos: a cidade como território de criação”, disponível em <http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto96.pdf> (BAPTISTA, 2003) e “O olhar contido e o passo em falso”, disponível em <<http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed19/1jeanne.pdf>> (GAGNEBIN, 2009).

⁸ Para Reich não haveria conflito dualista entre pulsões de vida e de morte, ou Eros e Tânatos. O caráter destrutivo seria, por assim dizer, secundário, oriundo das forças repressivas e autoritárias, no capitalismo, aos “impulsos vitais”. “O impulso vital pode existir sem o fascismo, mas o fascismo não pode existir sem o impulso vital. É como um vampiro sugando um corpo vivo, impulso assassino de rédea solta, quando o amor deseja consumir-se na primavera”. (REICH, 1972, p.23). Por seu aspecto de contágio, Reich denominou este movimento destrutivo, ressentido, que pode ser organizado em fenômenos de massa, como o nazismo e o fascismo, de *peste* ou *praga* emocional. A peste emocional seria menos impotente, ou mais “honorável”, do que a sonsice-neurose pois, de alguma forma, sinaliza forças que buscam, ao se expandir no campo social, uma “quebra” das couraças. Ver *Cem flores para Wilhelm Reich* (DADOUN, 1991, pp. 333-334).

Retornando à epígrafe deste trabalho: “*Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver*” (*ibid.*, p.31) gostaríamos de chamar atenção a seu duplo sentido de experiência limiar. Algo estourou, explodiu, quebrou-se com violência. Mas este quebrar-se não é apenas o fim, é também um começo, pois rebentar abarca o sentido de aparecer, iniciar-se ou manifestar-se subitamente, com ímpeto ou violência: nascer (FERREIRA, 2004). O verbo *rebentar*, escolhido por Clarice, assim como *desabrochar*, evoca uma força disruptiva e não apenas destrutiva. Seu modo de viver se quebra, explode, e essa explosão “lança rebento”, deságua nela um novo modo de viver: como o cavalo alado, Pégaso, nascendo da cabeça decepada da Medusa. Rebentar que desdobra na recusa da conclusão, insurgindo-se contra a origem de algo que nasce, para mover-se na turbulência de um devir feito por contágios, ou por revoltas.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Elizama. “**Quem foi Mineirinho: Bastidores de uma Crônica**”. Disponível em: <<http://claricelinspectors.com.br/Posts/index/19>>. Acesso em maio de 2014.
- BAPTISTA, Luis Antônio. “**Combates Urbanos: a cidade como território de criação**”. Palestra proferida no XII Encontro Nacional da Abrapso em Porto Alegre, 16/10/2003. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto96.pdf>. Acesso em 23/11/2013.
- CALVINO, Italo. **Seis Propostas Para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DADOUN, Roger. **Cem Flores para Wilhelm Reich**. Trad.: Rubens Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. (Vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EdUECE, 2009.
- DIAS, Rosa. **Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Imago, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.12**. Curitiba: Positivo, 2004.

FOUCAULT, M. **“De l'amitiécommemode de vie”**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, publicada no jornal *GaiPied*, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>>. Acesso em novembro de 2012. _____. **“A Vida dos Homens Infames”**. In: O que é um autor. Lisboa: Passagens, 1992. _____. Ditos e Escritos V. **“A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade”**. In: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. _____. **Qu'est-ce que lesLumières?**RosnyCedex (France): Bréal, 2004b.

GAGNEBIN, Jean Marie. Notas do mini-curso: **“Kafka e os desafios da interpretação”**, de 20 a 22 de maio, ministrado no III Seminário de Pesquisa do Mestrado em Estética e Filosofia da Arte, no Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC). UFOP: Ouro Preto, 2009. _____. **“O Olhar contido e o Passo em Falso”**. In: Cadernos De Ciências Humanas. Ano: 2008, Volume: 11, número 19. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/56398_6503.PDF>. Acesso em novembro de 2012. _____. **“Entre a Vida e a Morte”**. In: Otte, G., Sedlmayer, S., Cornelsen, E. (orgs). Limiares e Passagens em Walter Benjamin. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LISPECTOR, C. **Clarice na cabeceira: crônicas**. Organização de Teresa Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. _____. **Laços de Família: contos**. Rio de Janeiro, Rocco, s/d. _____. **“Mineirinho”**. Disponível em <http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4396:conto-qmineirinhoq-clarice-lispector&catid=409:arquivo-ip&Itemid=220&lang=pt>. Acesso em janeiro de 2014. _____. **Caderneta de Anotações de Clarice Lispector**.Disponível em: <<http://claricelispectorims.com.br/lms/cadernos>>. Acesso em maio de 2014.

MATOS, Olgária. **Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo**. Nova Alexandria: São Paulo, 2006.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados**. Lisboa: 1990, Livros Horizontes.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

ROSENBAUM, Yudith. **A ética na literatura: Leitura de “Mineirinho” de Clarice Lispector**. Estudos Avançados 24 (69), 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000200011&script=sci_arttext>. Acesso em novembro de 2012.

WEGUELIN. J. M. O Rio de Janeiro através dos jornais. S. d. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj45.htm>>. Acesso em maio de 2014.